

JORNAL: Diário de Notícias LOCAL: Quamabara

DATA: 24/09/1961 AUTOR: Mário Barata

TÍTULO: Da Bienal Não Inaugurada à Bienal Surpresa.

ASSUNTO: Swan e outros pontos altos da VI Bienal

ARTES PLÁSTICAS

Da Bienal Não Inaugurada à Bienal Surpresa

MÁRIO BARATA

SÃO PAULO (de enviado especial do «Diário de Notícias») — Acabo de estar com Cicillo Matarazzo que me confirmou a data de domingo, 1.º de outubro como sendo a da inauguração da bienal. Disse-lhe cordial e francamente que o público contava com a inauguração entre 10 a 15 de setembro e que o retardo havido prejudicaria um pouco os planos de muitos visitantes e a repercussão internacional. É sabido que muitos colecionadores europeus em prestam de má vontade as suas obras à bienal de São Paulo, devido a terem de se desfazer das mesmas pelo período de seis a oito meses. O adiamento da abertura da mostra, com as suas obras penduradas em salas vazias de público, soaria muito mal. É verdade que, como respondeu-me Matarazzo, as condições da vida política do país foram tais, em setembro, que justificaram — na sua opinião — o adiamento para o dia em que pudesse contar com a presença do senhor presidente da República. Esta efetuar-se-á no próximo domingo.

A bienal não inaugurada não é uma exposição deserta. Críticos estrangeiros e artistas de São Paulo circulam entre os painéis observando demoradamente a contribuição de 50 países, ao grande certame.

Maria Helena Vieira da Silva não contava, certamente, concorrer ao grande prêmio que merecidamente obteve. Sua glória já firmada, recebeu a consagração de uma bienal inesperadamente, para a artista. Mas seus trabalhos são bons e possuem um «background» e uma originalidade raros, na exposição. Nem Bissier a alcança, por ser demais enfeudado à arte sino-japonesa, e Klee e às colagens do dadalismo. Vieira não veio com uma grande sala, mas impôs-se, apesar disso, e mereceu a premiação.

Deve-se destacar, na bienal, o conjunto de viagens do barão paraguaio. Constitui um dos pontos altos da mostra pela força criadora e mesmo um sentimento estranhamente clássico.

Iberê, Marcello Grassmann, Manabu Mabe, Serpa, Zaluar estão entre os pontos altos da seleção brasileira, ao lado da surpreendente sala de Milton Dacosta.

A Bienal-Surpresa, do próximo domingo começará nessa retrospectiva de Dacosta, muito bem arrumada por Willis de Castro e irá até a nova arrumação do conjunto do certame, bem planejada. O bar localizar-se-á em varanda externa.

Visitem a Exposição do Barroco

Continua aberta, em São Paulo, a exposição do Barroco, no Museu de Arte Brasileira da Fundação Pentecódo, na rua Alagoas, 903, no Pacaembu. Possivelmente, devido ao sucesso que alcançou, ela será prorrogada até o dia 15 de outubro próximo.

Nenhum interessado ou especialista em arte do nosso país deve deixar de ver essa importante mostra, na qual, pela primeira vez, peças de Pernambuco vieram ao sul do Brasil. O horário de abertura é das 14h30 às 22h30m, diariamente, inclusive nas segundas-feiras. Segundo últimas informações, essa exposição será prorrogada até 15 de outubro.

com frente para os jardins do Ibirapuera.

A VI edição de mostra paulista é uma excelente apresentação de arte de todas as épocas. Cópias fiéis de afrescos medievais iugoslavos e das pinturas de Ajanta, a beleza da retrospectiva de Villon em que transparece o senso de medida da França, deve conjugar-se à força da obra do mexicano Orozco, estranhamente possante no seu dramático expressio-

nismo, dotado de valores formais bastante seguros.

Os EE. UU. destacam-se com Motherwell e Chamberlain; a Itália com Vita (grande gravador) Mandelli, Marai e Roberto Crippa, ao lado da violência exasperada de Gutuso; a Polónia com os desenhos sutis e refinados de Kulstewicz; o Japão com os calígrafos e com Damoto. Valerá a pena visitar, demoradamente, a VI Bienal.

ARTE ABORÍGENE DA AUSTRÁLIA NA VI BIENAL

Um aspecto inédito para o Brasil e para a América na VI Bienal, será apresentado pela coleção de peças da arte aborígene da Austrália, vinda daquele distante país do Pacífico, para marcar com a sua contribuição uma área do primitivo, na grande exposição internacional do Ibirapuera.

Concorreram para esta possibilidade, galerias e museus da Austrália, que cederam peças de seu acervo, devidamente classificadas, para dar uma nota efetivamente original com a arte de elementos das tribus que subsistem naquele país.

Os temas constantes da «bark painting», designação

pela qual se conhecem esses trabalhos, provêm das lendas, do folclore, do conhecimento das coisas da natureza, fauna e flora, da terra e das águas, aspectos esses apanhados e transpostos pelos artistas, nos seus trabalhos, geralmente anônimos.

De toda a forma, não se pode deixar de constatar que a arte dos aborígenes australianos, as «bark paintings», constituem um material interessantíssimo, para os estudiosos, para os amadores de arte, para os artistas, para quantos se interessam pelos aspectos mais diversificados da cultura humana. Esta coleção constituirá, de tal maneira, um impressionante documentário da vida dos homens primitivos que, nas áreas menos conhecidas da Austrália, ainda persistem, com sua vida infensa à civilização, marginalmente, produzindo uma arte cheia de vitalidade e de visualização direta dos seres e das coisas.

Pelo caráter inédito, original, excepcional, da arte dos aborígenes australianos, pode-se considerar essa seleção como um dos pontos altos da VI Bienal.



Trabalho de SAITO, artista japonês que recebeu o primeiro prêmio de pintura da VI Bienal de São Paulo

Amanhã: Eleições na Associação Brasileira de Críticos de Arte

Na próxima segunda-feira, dia 25, conforme já foi anunciado, realizar-se-á, no Rio de Janeiro, a Assembléia Geral da ABCA, para eleição de sua diretoria anual. A primeira convocação foi marcada para as 16 horas, e a segunda às 17 horas, na sala 901 do Palácio da Cultura, antigo Ministério da Educação, no Rio de Janeiro. Serão lidos relatórios da presidência, do secretariado e da tesouraria da associação, e tomadas importantes resoluções. Encarece-se a presença de todos os críticos de jornais e revistas do Rio.

Exposições da Semana

Bienal de São Paulo — Inaugurar-se-á no dia 1.º de outubro.

Augusto Rodrigues — Na Barcinsky
Equipe de Gravadores — no Museu de Arte Moderna do Rio.

Fayga Ostrower — na Galeria Bonino.

Maria Célia — na OCA.
Artistas de São Paulo — no IBEU.

Segall — no MNBA.
Sarah Vilella — no MNBA.
Maria Leontina — na «Petite Galeries».